SANIM,
O ISLÃ NEGRO

Narrado por
Ali Sanim bin Musa al-Kanawi.

MENDES DE MIRANDA

SUMÁRIO

Dedicatória 2
Apresentação ..... 4 O
Fio Azul de Kano ..... 6 O
Mar dos Esquecidos ..... 21 O
Escravo que Sabia Escrever ..... 35 A
Chama Oculta ..... 49 O
Abadá Branco 64
A Lista ..... 70 A
Noite dos Malês 79
Conclusão 92
Agradecimentos 94
Mendes de Miranda 96

Dedicatória

Aos Malês — homens e mulheres africanos que, arrancados de suas terras, escravizados e submetidos à violência cotidiana de um sistema desumano, recusaram-se a aceitar o silêncio diante da opressão.

Dedico esta obra à memória daqueles que lutaram e morreram em busca da liberdade, da dignidade e do direito de existir segundo sua fé, sua cultura e sua consciência. Aos nagôs, haussás e tantos outros africanos islamizados que preservaram seus conhecimentos, sua língua, sua escrita e suas tradições, mesmo diante da perseguição religiosa e das tentativas de apagar suas identidades.

Que jamais sejam esquecidos os que suportaram os grilhões da escravidão, a intolerância imposta em nome da fé oficial, a destruição de seus espaços de oração e a negação de sua humanidade. Em uma sociedade construída sobre a exploração e o privilégio de poucos, eles ousaram sonhar com liberdade para muitos.

Esta homenagem é dedicada aos que tombaram na Revolta dos Malês, em 1835, e a todos aqueles que resistiram à escravidão, à discriminação e à injustiça. Seu legado permanece vivo como testemunho da coragem de um povo que, mesmo sob as condições mais adversas, recusou-se a abandonar sua fé, sua identidade e sua esperança.

Que sua luta seja lembrada não apenas como um episódio da história, mas como um símbolo permanente da resistência humana contra a opressão.

Em memória dos Malês.

Mendes de Miranda
Inverno de 2026

Apresentação

A história é escrita pelos vencedores. Mas, por trás das páginas oficiais, existem vozes que resistem ao tempo, vozes silenciadas pela escravidão, pela intolerância e pelo poder. Esta é uma dessas vozes. Sanim, O Islã Negro conduz o leitor a uma jornada fascinante pelo universo dos africanos muçulmanos que viveram no Brasil do século XIX, homens e mulheres que carregavam consigo não apenas as marcas do cativeiro, mas também uma profunda herança cultural, intelectual e espiritual. Em uma época marcada pela violência do sistema escravista, pela perseguição religiosa e pela negação da identidade africana, floresceu uma resistência que desafiou as estruturas do poder.

Narrada por Ali Sanim (Sanim bin Musa al-Kanawi), esta obra entrelaça memória, fé, luta e sobrevivência em uma narrativa envolvente, onde o passado ganha vida através dos olhos daqueles que ousaram sonhar com a liberdade. Entre mesquitas clandestinas, manuscritos em árabe, alianças secretas e

conspirações que atravessam as noites de Salvador, o leitor encontrará personagens movidos pela coragem, pela devoção e pelo desejo de construir um destino diferente.

Mais do que um romance histórico, Sanim, O Islã Negro é uma homenagem à resistência dos Malês e à riqueza das tradições africanas que sobreviveram mesmo diante das mais severas tentativas de apagamento cultural. É também um convite à reflexão sobre liberdade, identidade, justiça e fé — temas que continuam atuais e universais.

Ao abrir estas páginas, o leitor não encontrará apenas uma história. Encontrará um legado. Um testemunho de luta. Um chamado à memória.

Que a jornada de Sanim ilumine caminhos esquecidos e revele a força daqueles que, mesmo acorrentados, jamais permitiram que seus espíritos fossem dominados.

Bem-vindo à história de Sanim.

Bem-vindo ao universo de O Islã Negro.

O Fio Azul de Kano

Verão de 1805

"E Allah vos tirou dos ventres de vossas mães sem que soubésseis coisa alguma." (Alcorão 16:78)

Nasci numa madrugada fria de harmatã, quando o vento do Saara atravessava as muralhas de Kano carregando poeira fina e o cheiro das caravanas. Era a noite de 14 de novembro de 1805. Minha mãe, Hauwa, costumava dizer que Allah escolheu uma noite silenciosa para me trazer ao mundo, mas a verdade é que Kano nunca conheceu o silêncio. Mesmo naquela hora, quando as estrelas pareciam mais próximas da terra do que os próprios homens, a cidade respirava. Ouviam-se camelos entrando pelos portões da muralha, artesãos trabalhando à luz de lamparinas e estudantes recitando versos do Alcorão nas madraças espalhadas pelos bairros.

Nasci em Mandawari, entre alfaiates, curtidores, comerciantes e estudiosos da religião. Meu pai, Musa, era alfaiate. Sua casa de barro, conhecida

como Gidan Musa, ficava próxima ao portão Kofar Wambai. Era uma casa simples, construída com paredes grossas de argila vermelha que protegiam do calor durante o dia e conservavam o calor durante as noites frias.

No centro da casa havia um pátio aberto para o céu. Ali crescia um pequeno baobá que meu pai plantara quando se casou com minha mãe. Debaixo daquela árvore passei os primeiros anos da minha vida, ouvindo histórias dos antigos reinos haussás e dos homens santos que haviam levado o Islã para nossa terra.

Minha primeira lembrança não é um rosto.

É um som.

O som da tesoura de meu pai cortando tecido antes do nascer do sol.

Téc.

Téc.

Téc.

Era o ritmo da nossa casa.

Mas antes mesmo de conhecer aquele som, ouvi outro. Quando nasci, meu pai tomou-me nos braços e aproximou sua boca da minha pequeno orelha. Ali,

entre o sangue do parto e a fumaça da lamparina, pronunciou o Adhan, o chamado para a oração.

— Allahu Akbar...

Foram as primeiras palavras que chegaram aos meus ouvidos.

Antes de conhecer o mundo, conheci o nome de Allah.

Em Kano, o Islã não era apenas uma religião. Era o ar que respirávamos. Era a lei, a escola, o casamento, o comércio, os funerais e as festas. Não existia separação entre a vida e a fé.

As comunidades se organizavam ao redor das mesquitas e dos laços familiares. Não éramos apenas vizinhos. Éramos parte do mesmo Unguwa, do mesmo bairro, da mesma história.

Quando uma família passava necessidade durante o Ramadã, as outras dividiam sua comida.

Quando alguém morria, homens e mulheres se reuniam durante quarenta dias para rezar pela alma do falecido.

Quando uma criança nascia, como aconteceu comigo, todo o bairro celebrava.

Lembro-me das mulheres chegando com panelas

de mingau, das rezas dos mais velhos e dos sorrisos daqueles que acreditavam que cada nascimento era uma bênção enviada por Allah.

Os dias começavam antes do amanhecer.

O chamado para a oração ecoava pelos telhados de barro.

Depois vinham as aulas na mesquita.

As crianças aprendiam a escrever em tábuas de madeira. Decorávamos versos do Alcorão enquanto os mestres corrigiam nossos erros com paciência ou com varas de tamarindeiro.

Aprendíamos primeiro a ouvir.

Depois a recitar.

Somente então a compreender.

Assim era a tradição recebida de nossos pais e avós.

Meu pai aprendera com meu avô.

Eu aprenderia com ele.

E, um dia, deveria ensinar aos meus próprios filhos.

Era assim que a fé atravessava gerações.

Era assim que Kano permanecia viva.

Naqueles anos de infância, eu acreditava que as

muralhas da cidade eram eternas. Acreditava que o baobá do nosso pátio cresceria para sempre. Acreditava que meu pai sempre estaria sentado em seu banco de madeira, costurando túnicas azuis enquanto minha mãe preparava o fura na cozinha.

Eu ainda não sabia que Allah escreve destinos que os homens não conseguem imaginar.

Não sabia que a guerra já caminhava em nossa direção.

Não sabia que um dia atravessaria o oceano.

Não sabia que me chamariam Sanim.

Naqueles primeiros anos eu era apenas Ali bin Musa al-Kanawi.

Filho de Kano.

Filho do Islã.

Filho do fio azul que meu pai amarrou em meu pulso na noite em que nasci.

Tábua e Tesoura

"Lê, em nome de teu Senhor, que criou."
(Alcorão 96:1)

Eu tinha cinco anos quando meu pai segurou minha mão pela primeira vez para me levar à madraça. Ainda estava escuro. O harmatã soprava pelas ruas de Mandawari, levantando a poeira fina que entrava nos olhos e secava os lábios. Caminhávamos em silêncio em direção à mesquita. Eu carregava minha allo, uma pequena tábua de madeira lisa que seria meu livro, meu caderno e meu tesouro durante toda a infância.

Naquele tempo, um menino haussá não começava a vida aprendendo um ofício.

Começava aprendendo a Palavra.

A madraça era a escola do Islã. Não tinha paredes altas nem bancos enfileirados. Muitas vezes funcionava no pátio da mes-quita ou sob a sombra de árvores antigas. Ali aprendíamos a ler, escrever, memorizar o Alcorão e compreender os ensinamentos dos antigos sábios.

O homem que ensinava chamava-se Malam Shehu. Malam significava mestre.

Mas, para nós, era mais do que isso.

Era quase um segundo pai.

Seu rosto era magro, a barba já embranquecida pelo tempo e os olhos pareciam enxergar dentro da alma dos meninos. Quando falava, todos ouviam. Quando sorria, sentíamos orgulho. Quando se zangava, até os mais valentes baixavam a cabeça.

Ele carregava uma vara fina de tamarindeiro. Usava-a sem hesitar quando éramos preguiçosos. Mas nunca por crueldade.

Hoje compreendo que havia rahmah, misericórdia, até mesmo em sua severidade.

Ele queria formar homens.

Não apenas alunos.

Sentávamos em círculo no chão de terra batida. Cada meni-no tinha sua allo apoiada sobre os joelhos. Malam escrevia um versículo com tinta feita de carvão e goma vegetal. Nós repetíamos palavra por palavra.

Primeiro ouvíamos.

Depois recitávamos.

Depois decorávamos.

Só então copiávamos.

Quando o versículo ficava gravado na memória, lavávamos a tábua com água e areia fina. A escrita desaparecia, mas as palavras permaneciam dentro de nós.

Então tudo começava novamente.

Verso após verso.

Surata após sutara.

Ano após ano.

Minha rotina era simples.

Antes do nascer do sol, acompanhava meu pai para a oração do Fajr. Depois seguia para a madraça.

Voltava para casa pela manhã para ajudar minha mãe e aprender o ofício de alfaiate com meu pai.

À tarde retornava às lições.

Somente na sexta-feira descansávamos.

Era o dia da oração comunitária.

O dia em que os homens vestiam suas melhores roupas e as ruas de Kano pareciam um rio de túnicas brancas caminhando em direção às mesquitas.

Foi ali que aprendi minhas primeiras letras árabes.

Foi ali que decorei a Surata Al-Fatiha.

Lembro-me do orgulho nos olhos de Musa quando consegui recitá-la inteira sem errar uma palavra.

Naquela noite ele sacrificou um pequeno cabrito.

Os vizinhos vieram comer conosco.

Meu pai repetia para todos:

— *Meu filho é malê.*

Eu não compreendia totalmente o significado daquela palavra.

Mas compreendia o brilho em seus olhos.

Com o tempo aprendi que a madraça dava a um menino três riquezas que nenhum guerreiro podia roubar.

A primeira era o nome.

Ali eu aprendi quem eu era.

Filho de Musa.

Filho de Hauwa.

Filho de Kano.

A segunda era a liberdade.

Mesmo que o corpo pudesse ser aprisionado, a mente iluminada pelo conhecimento permanecia livre.

A terceira era a irmandade.

Sentados naquele círculo, éramos filhos de famílias

diferentes, mas compartilhávamos a mesma Palavra, a mesma fé e o mesmo destino.

Eu não sabia então que um dia perderia minha casa.

Perderia minha família.

Perderia minha terra.

Mas aquilo que a madraça colocou dentro de mim jamais seria arrancado.

Nem pelas correntes.

Nem pelo oceano.

Nem pela escravidão. Porque antes de me tornarem escravo, eu havia aprendido a ler em nome do meu Senhor.

A Jihad Bate na Porta

"Por certo, com a dificuldade vem a facilidade."
(Alcorão 94:6)

Eu tinha treze anos quando o mundo acabou. Não o mundo inteiro. Apenas o meu.

Até então, eu acreditava que as muralhas de Kano eram eternas. Acreditava que os chamados para a

oração ecoariam para sempre sobre os telhados de barro de Mandawari. Acreditava que meu pai continuaria costurando túnicas azuis no zaure da nossa casa e que minha mãe envelheceria sob a sombra do baobá que ele plantara no dia do casamento.

Mas os homens são frágeis diante da História.

E a História chegou montada a cavalo.

Meses antes da tragédia, um nome corria pelos mercados, pelas mesquitas e pelas caravanas que vinham do norte.

Usman dan Fodio.

Os mais velhos falavam dele em voz baixa.

Diziam que liderava uma jihad fulani.

Jihad significava esforço no caminho de Allah. Mas aquela não era apenas uma luta espiritual. Era uma guerra. Uma guerra santa declarada pelos fulanis contra os reinos haussás.

Segundo seus pregadores, muitos governantes de nossa ter-ra haviam se afastado da verdadeira religião. Acusavam os reis de corrupção, injustiça e práticas que consideravam contrárias ao Islã.

O que começou como um movimento religioso

transformou-se em conquista militar.

Cidade após cidade caiu.

Reino após reino desapareceu.

Até que chegou a vez de Kano.

Meu pai escutava as notícias enquanto costurava.

— *Não querem purificar a fé* — dizia ele. — *Querem governar.*

Eu não entendia.

Era apenas um menino.

Mas aprendi depressa.

Na tarde em que os guerreiros fulanis chegaram, o céu estava limpo e o calor fazia as pedras queimarem os pés.

Eu estava entregando uma túnica quando ouvi os primeiros gritos.

Corri.

As ruas estavam cheias de gente.

Homens armados atravessavam os portões da cidade levantando espadas, lanças e bandeiras.

Gritavam palavras sagradas enquanto a fumaça começava a subir dos bairros.

A guerra santa havia chegado à nossa porta.

Meu pai me empurrou para dentro do pátio.

— Fique aqui, Ali!

Foi a última ordem que ouvi dele.

Do buraco de uma parede quebrada vi Kano morrer.

Vi a mesquita de minha infância cercada pelo fogo.

Vi homens que haviam estudado o mesmo Alcorão matarem outros homens que rezavam para o mesmo Deus.

Vi vizinhos correndo.

Vi sangue na terra vermelha.

Vi minha mãe tentando proteger minha irmã menor enquanto o caos engolia tudo.

Depois vi apenas fumaça.

Muita fumaça.

O cheiro de índigo queimado misturado ao cheiro da morte.

Quando a noite caiu, Kano já não era a cidade onde eu nascera.

Os vencedores tomaram o poder.

O antigo reino tornou-se parte do Califado de Sokoto.

Kano agora era um emirado governado pelos novos senhores da guerra.

Para muitos, aquilo era uma mudança política.

Para mim, era o fim da vida que conhecia.

Nunca mais vi minha mãe.

Nunca mais vi minha irmã.

Nunca mais encontrei meu pai.

Talvez tenham morrido.

Talvez tenham sido vendidos.

Allah sabe.

Eu não.

Dias depois fui acorrentado com centenas de outros sobreviventes.

Éramos prisioneiros.

Espólio de guerra.

Mercadoria.

Fomos levados para o mercado de Zango como cabras destinadas ao abate.

Lembro-me das cordas apertando meu pescoço.

Lembro-me dos compradores examinando nossos dentes.

Lembro-me da voz de um mercador negociando meu preço.

Naquele momento deixei de ser um filho.

Deixei de ser um estudante.

Deixei de ser um menino.

Tornei-me escravo.

Mas algo nasceu naquele dia junto com a minha escravidão.

Algo que cresceria durante anos.

Algo que atravessaria desertos, navios e oceanos.

Ódio.

Não o ódio contra Allah.

Jamais.

O ódio contra os homens que transformavam a fé em espada.

O ódio contra aqueles que arrancavam crianças de suas casas.

O ódio contra o mundo que havia destruído Kano.

Naquela noite, amarrado entre desconhecidos, procurei o fio azul que meu pai colocara em meu pulso quando nasci.

Ainda estava lá. Sujo.

Desgastado.

Mas vivo.

Segurei-o com força.

Porque tudo o mais havia sido tomado.

E aquele fio era a última prova de que um dia eu

tivera uma casa.

O Mar dos Esquecidos

Casa da Escravidão

"E Ele é Quem vos faz viajar pela terra e pelo mar."
(Alcorão 10:22)

Minha escravidão não começou no navio.

Começou na estrada.

Depois da queda de Kano, fui levado ao mercado de Zango junto com centenas de outros prisioneiros. Eu tinha treze anos. Ainda procurava meu pai entre os rostos da multidão. Ainda acreditava que minha mãe apareceria em alguma esquina da cidade destruída.

Nenhum deles apareceu.

Um mercador tuaregue me comprou por duas barras de sal e uma espingarda velha.

Durante muito tempo essa lembrança me perseguiu.

Eu, que havia aprendido o Alcorão.

Eu, filho de Musa, o alfaiate.

Eu, que conhecia meu nome e minha linhagem.

Valia menos que um cavalo.

Menos que um fardo de tecido.

Duas barras de sal.

Foi assim que começou minha viagem para fora do mundo que eu conhecia.

Seguimos em caravana durante semanas. Éramos dezenas de cativos ligados por cordas, caminhando sob o sol do Sahel. O chão queimava os pés durante o dia. À noite, o frio entrava nos ossos.

A sede era uma dor constante.

Muitos bebiam água de poças barrentas.

Outros simplesmente desistiam.

Quem caía não era levantado.

Os mercadores não perdiam tempo.

Os abutres faziam o resto.

Depois de cerca de quarenta dias chegamos a Katsina.

Katsina era uma das grandes cidades comerciais da região haussá. Ali se encontravam caravanas vindas do deserto, comerciantes de sal, couro, cavalos e também de gente.

Porque homens podiam ser mercadorias.

Foi em Katsina que fui vendido pela segunda vez.

Meu novo dono chamava-se Ajayi.

Era um comerciante ligado ao reino de Oió, terra dos iorubás ao sul. Não era meu senhor definitivo. Era apenas mais um elo na corrente que me arrastava para longe de casa.

Para marcar sua propriedade, seus homens aqueceram um ferro até ficar vermelho como brasa. Seguraram meu braço.

Eu gritei.

O círculo queimado ficou para sempre em meu ombro.

Uma marca simples.

Mas significava tudo.

Eu já não pertencia a mim mesmo.

Naquele período aprendi uma palavra nova.

Eru.

Escravo.

Era uma palavra iorubá.

Os homens de Ajayi a repetiam o tempo todo.

— *Eru.*

Apontavam para nós.

— *Eru.*

No começo eu não compreendia.

Depois compreendi.

E passei a odiá-la.

Meses depois chegamos a Badagry, na costa atlântica.

Ali ficava um dos principais pontos de embarque de africanos escravizados para as Américas.

Os europeus chamavam aquilo de entreposto comercial.

Nós chamávamos de antecâmara da morte.

Fui trancado num barracão conhecido pelos cativos como Casa da Escravidão.

Era uma construção escura, abafada e superlotada.

Centenas de homens, mulheres e crianças aguardavam a chegada dos navios.

Dormíamos comprimidos uns contra os outros.

O ar cheirava a suor, doença e desespero.

A disenteria corria entre nós como fogo em capim seco.

Todos os dias alguém morria.

Às vezes dois.

Às vezes cinco.

Às vezes mais.

Também havia o banzo.

Os portugueses usavam essa palavra para descrever a tristeza que consumia os cativos.

Eu vi homens saudáveis deixarem de comer.

Vi mulheres olharem para o mar durante horas.

Vi pessoas morrerem de saudade.

Eu tinha quatorze anos.

Era magro como um galho seco.

Mas me recusava a esquecer quem eu era.

Um dia encontrei um pequeno fragmento de madeira jogado no chão do barracão.

Parecia um pedaço das tábuas usadas nas madraças.

Escondi-o.

Guardava-o na boca quando os guardas se aproximavam.

À noite, passava os dedos sobre a madeira e imaginava versos escritos em árabe.

Não era apenas um pedaço de madeira.

Era Kano.

Era Malam Shehu.

Era meu pai.

Era a prova de que Ali bin Musa al-Kanawi ainda existia.

Mesmo que o mundo inteiro insistisse em me chamar apenas de escravo.

Atravessando o Atlântico

"Não penseis que Allah está desatento ao que fazem os injustos." (Alcorão 14:42)

Quando cheguei a Badagry, eu já não era o menino de Kano. Era apenas um corpo. Um número. Uma mercadoria esperando comprador.

Badagry ficava na costa do grande oceano que os europeus chamavam Atlântico. Para nós, era o fim do mundo conhecido. Depois de meses caminhando acorrentado, passando por mercados de escravos, fome, sede e espancamentos, fui jogado num lugar que os traficantes chamavam de barracão.

O barracão de Badagry era uma prisão construída para guardar seres humanos até a chegada dos navios negreiros. Homens, mulheres e crianças permaneciam ali durante semanas ou meses. Dormíamos comprimidos uns contra os outros, sem espaço para esticar as pernas. O calor era sufocante.

O cheiro de suor, sangue, fezes e doença parecia entrar nos os-sos.

Ali aprendi uma palavra que nunca existira em Kano: espe-ra.

Esperávamos o navio.

Esperávamos o próximo chicote.

Esperávamos a morte.

Em média, cinco pessoas morriam por dia.

Disenteria.

Febre.

Banzo.

O banzo era uma doença sem ferida visível. Era a saudade transformada em morte. Muitos simplesmente deixavam de comer, deixavam de falar e deixavam a alma partir antes do corpo.

Eu tinha quatorze anos.

E me recusava a esquecer.

Por isso escondi na boca um pequeno pedaço de madeira retirado de uma velha tábua de escrita. Era semelhante às allo usadas na madraça de Kano. Quando ninguém via, eu tocava aquele fragmento com a língua e lembrava das letras árabes que aprendera quando criança.

Era tudo o que me restava.

Meses depois, o navio chegou.

Um brigue português sem nome que eu conhecesse.

Os traficantes chamavam os cativos de "peças". Havia cerca de quatrocentas peças humanas embarcando naquela manhã.

Fomos empurrados para o porão.

Cada homem recebeu um espaço de pouco mais de cinquenta centímetros.

Mal podíamos virar o corpo.

Passamos dois meses atravessando o Atlântico.

No escuro.

No calor.

No fedor.

O chão estava sempre molhado de vômito, urina e fezes. A comida era farinha estragada misturada com água. Recebíamos apenas uma caneca para beber durante o dia. Quem recusava alimento era espancado com palmatórias e alimentado à força.

A doença correu mais rápido que o vento.

A bexiga — como chamavam a varíola — matou dezenas.

Vi homens fortes morrerem em três dias.

Vi mães enlouquecerem.

Vi crianças desaparecerem durante a noite.

Os mortos eram levados ao convés e lançados ao mar como se fossem lixo.

Eu já não chorava.

As lágrimas tinham acabado em Kano.

Durante as noites, quando o porão mergulhava na escuridão absoluta, eu sussurrava a Al-Fatiha, a primeira surata do Alcorão, aquela que aprendera aos sete anos na madraça de Malam Shehu.

"Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso..."

Minha voz era quase um sopro.

Ao meu lado estava um homem fulani.

Em Kano, anos antes, eu teria aprendido a odiá-lo. Os fulanis haviam chegado em nome da jihad, da chamada Guerra Santa, e destruído meu mundo. Muitos dos que conquistaram Kano eram fulanis.

Mas ali, naquele ventre de madeira flutuando sobre um oceano sem fim, ele não era mais inimigo.

Era apenas um homem acorrentado.

Quando eu começava a recitar, ele completava os

versos.

Rezávamos juntos.

O mar havia feito o que a guerra nunca conseguiu. Transformara inimigos em irmãos de sofrimento.

Às vezes eu levava o pulso à boca e mordia o velho fio azul que meu pai havia amarrado quando nasci. O gosto já não era de índigo.

Era de sal.

Sal do oceano.

Sal das lágrimas que eu não derramava.

Sal da escravidão.

E enquanto o navio avançava rumo ao Brasil, eu repetia para mim mesmo que Allah não estava desatento.

Os injustos pareciam vencer.

Mas eu ainda respirava.

E enquanto respirasse, Kano viveria dentro de mim.

A Baía de Todos os Santos

"A Allah pertencemos e para Ele retornaremos."
(Alcorão 2:156)

Quando a viagem terminou, eu já não sabia quantos dias haviam passado.

No porão do navio, o tempo não era contado pelo nascer do sol, mas pelos corpos retirados pela manhã. Alguns morriam de doença. Outros de fome. Outros simplesmente desistiam de continuar respirando. O oceano engolia seus nomes sem deixar rastro.

Eu sobrevivi.

Ainda hoje não sei por quê.

Foi numa manhã chuvosa de janeiro de 1820 que avistei terra novamente. Depois de semanas cercado apenas por água e céu, surgiu diante de nós uma imensa baía cercada por colinas verdes. Os marinheiros a chamavam de Baía de Todos os Santos.

Para mim, era apenas mais um lugar desconhecido onde eu chegava sem ter sido convidado.

Antes de desembarcarmos, os sobreviventes foram levados para a região de Itapagipe. Ali nos obrigaram a tomar um banho de vinagre. Os comerciantes acreditavam que aquilo impediria a propagação das doenças trazidas pelos navios negreiros. O líquido ardia nas feridas abertas pelas correntes e pelos castigos. Alguns gritavam. Outros permaneciam em silêncio.

Eu permaneci em silêncio.

Depois fomos conduzidos pelas ruas íngremes da cidade até o mercado de escravos.

Jamais esquecerei aquele lugar.

Homens examinavam nossos dentes, braços, pernas e costas como quem escolhe animais numa feira. Falavam de músculos, idade e resistência. Faziam contas sobre quanto lucro cada corpo poderia produzir.

Foi ali que ouvi uma palavra que definiria meu preço.

— Haussá!

O negociante repetiu aquilo várias vezes.

Na Bahia, dizer que alguém era haussá significava mais do que indicar sua origem. Os haussás eram

conhecidos por serem alfabetizados, muçulmanos, disciplinados e experientes no comércio e nos ofícios urbanos. Muitos sabiam ler árabe. Alguns tinham estudado o Alcorão. Outros haviam ocupado posições respeitadas antes da escravidão.

Essas qualidades aumentavam nosso valor.

Não porque os compradores respeitassem nossa cultura.

Mas porque podiam lucrar mais com ela.

O comerciante apontou para mim.

— *Haussá! Entende de costura! Fala árabe*

Os compradores se aproximaram.

Fizeram perguntas que eu mal compreendia.

Mandaram que eu abrisse as mãos.

Examinaram meus dedos.

Mãos de alfaiate.

Mãos de quem podia produzir riqueza.

Pouco depois fui vendido por cento e cinquenta mil réis.

Meu novo dono chamava-se Manoel José do Pilar, um português proprietário de uma oficina na Baixa dos Sapateiros.

Atravessamos a cidade em silêncio.

Salvador era diferente de tudo o que eu conhecia. As ruas eram estreitas. As igrejas pareciam montanhas de pedra. O som dos sinos misturava-se às vozes africanas que ecoavam por toda parte.

Naquela noite cheguei à oficina.

Havia tecidos empilhados, tesouras penduradas e cheiro de pano recém cortado.

Manoel apontou para um espaço vazio no chão.

— *Dorme aí, Sani.*

Foi a primeira vez que ouvi aquele nome.

Sani.

Uma versão encurtada de algo que ele conseguia pronunciar.

Ali bin Musa al-Kanawi parecia distante demais para aquela cidade.

A chuva começou a cair sobre o telhado.

Gotas atravessavam pequenas frestas e pingavam perto de onde eu estava deitado.

Esperei que todos adormecessem.

Então retirei do pulso o velho fio azul que meu pai havia amarrado quando eu era recém-nascido em Kano.

Levei-o aos lábios.

Por um instante, senti o cheiro das tinturarias, das ruas de Mandawari e da casa onde minha mãe cantava enquanto preparava a comida.

Fechei os olhos.

Voltei-me na direção de Meca.

Recitei a oração da noite, a Isha, em voz baixa.

Kano tinha ficado para trás.

Mas Allah atravessara o oceano comigo.

O Escravo que Sabia Escrever

Baixa dos Sapateiros

"E dize: Senhor meu, aumenta-me em conhecimento."
(Alcorão 20:114)

Os primeiros anos em Salvador não me ensinaram a viver. Ensinaram-me a obedecer.

A rotina começava antes mesmo do céu clarear. Às cinco da manhã, eu já estava de pé na oficina de Manoel do Pilar, na Baixa dos Sapateiros. Minha primeira tarefa era varrer o chão coberto de fiapos de tecido, poeira e linhas cortadas do dia anterior. Depois acendia a lamparina de óleo e organizava as

ferramentas do patrão.

Somente então o trabalho começava de verdade. Manoel acreditava que um escravo precisava aprender pelo medo.

— *Não é assim que corta, Sani!*

A régua de madeira vinha logo depois da frase.

Às vezes atingia meus ombros.

Outras vezes minhas mãos.

Aprendi rapidamente que, naquela cidade, errar custava dor.

Também aprendi português dessa maneira.

Primeiro compreendendo insultos.

Depois ordens.

Mais tarde frases inteiras.

Cada palavra nova vinha acompanhada de uma correção, um empurrão ou uma ameaça.

A tesoura tornou-se extensão dos meus dedos. Costurava calças para soldados do governo, casacas para comerciantes, batinas para padres e vestidos para senhoras da elite. O movimento repetido fazia surgir pequenos furos nas pontas dos dedos. À noite, a pele ardia tanto que parecia haver agulhas invisíveis enterradas nela.

Mas eu continuava.

Precisava continuar.

Com o passar dos anos, Manoel percebeu que eu possuía habilidade rara para o ofício. Minhas costuras eram retas, os cortes precisos e os acabamentos melhores que os de muitos homens livres.

Por isso começou a me enviar para fazer entregas. Foi assim que conheci Salvador.

Subi ladeiras carregando roupas embrulhadas em tecido pardo. Entrei em sobrados luxuosos. Atravessei mercados repletos de africanos de diferentes nações. Escutei línguas que eu nunca ouvira em Kano.

E vi o mar.

Sempre o mar.

No Porto da Bahia, os navios chegavam e partiam diariamente. Eu observava os mastros balançando ao vento e imaginava o outro lado do oceano.

A mesma água que me havia separado da minha terra poderia, um dia, devolver-me a ela.

Essa esperança me acompanhava em silêncio.

Em 1823, quando eu tinha dezoito anos, quase perdi

a vida por causa de uma lembrança.

Numa tarde quente, enquanto a oficina estava vazia, encontrei um pedaço de carvão e comecei a escrever discretamente sobre uma tábua de madeira. Não era um desenho. Eram versos em árabe que eu ainda guardava na memória da infância.

Manoel entrou sem que eu percebesse.

Seu rosto ficou branco de raiva.

Tomou a tábua das minhas mãos.

— *Feitiçaria!*

A palavra ecoou pela oficina.

Na Bahia, muitos brancos acreditavam que qualquer escrita africana era magia perigosa. Para eles, um escravo que dominava a leitura representava uma ameaça.

Manoel levantou a régua como se fosse me matar.

Mas o destino decidiu outra coisa.

Naquele momento chegou um cliente importante, um desembargador que aguardava uma encomenda. Ao ver os sinais árabes na madeira, demonstrou curiosidade.

Perguntou quem havia escrito aquilo.

Quando Manoel respondeu que fora eu, o homem

sorriu.

Pagou mais pela roupa.

E quis conhecer o escravo que sabia escrever.

Naquela mesma semana, outros clientes apareceram para ver o africano letrado.

De repente, aquilo que quase me condenara passou a render lucro.

Manoel deixou de enxergar apenas um cativo.

Eu havia me tornado uma novidade.

Uma espécie de atração.

Eles admiravam minhas letras sem compreender seu significado.

Não sabiam que cada palavra escrita em árabe era uma ponte invisível ligando Salvador às muralhas de Kano.

Pelourinho

"Allah eleva os que creem e os que receberam o conhecimento."
(Alcorão 58:11)

O ano de 1825 chegou quando eu já contava vinte anos de idade. Fazia cinco anos que respirava o ar pesado de Salvador e cinco anos que minhas mãos trabalhavam sem descanso na loja de Manoel do Pilar. Naquele tempo, meu corpo já não era o de um menino arrancado de Kano. Os ombros haviam alargado, os dedos estavam endurecidos pelas agulhas e meus olhos aprendiam a enxergar coisas que outros homens não viam.

Foi nesse ano que Manoel decidiu transformar-me em escravo de ganho.

O acordo era simples. Todas as manhãs eu saía pelas ruas da cidade trabalhando por conta dele. No final do dia deveria entregar-lhe o jornal: duzentos e quarenta réis. O que sobrasse ficava comigo.

— *Agora tu dá mais lucro na rua do que preso aqui dentro* — disse ele.

Não respondi.

Aprendi que o silêncio era uma armadura.

Passei então a conhecer Salvador como poucos conheciam.

Subia e descia as ladeiras do Pelourinho

carregando embrulhos de roupa. Cruzava o Taboão, onde ho-mens descarregavam mercadorias dos navios. Andava pelas ruas estreitas do Gravatá, onde muitos africanos viviam amontoados em quartos alugados.

A cidade era enorme aos meus olhos.

E era africana.

Via rostos como os meus por toda parte.

Nagôs conversando em iorubá.

Tapas falando a língua de Nupe.

Haussás discutindo negócios nas esquinas.

Vendedores de rua, carregadores, quitandeiras, barbeiros, ferreiros.

Quase metade da cidade tinha nascido na África. Mas isso não significava união.

Cada povo carregava suas próprias memórias, suas próprias feridas.

Muitas vezes um haussá desconfiava de um nagô. Um nagô evitava um tapa. As guerras que haviam separado nossos povos na África continuavam vivas dentro da cabeça dos homens.

Éramos africanos.

Mas ainda não éramos irmãos.

Todas as moedas que sobravam do jornal eu escondia.

Algumas dentro de uma pequena bolsa costurada por mim. Outras enroladas em pedaços de pano.

À noite eu as contava.

Uma.

Duas.

Três.

Pouco a pouco.

Sonhava comprar minha liberdade.

Sonhava poder caminhar sem prestar contas a ninguém.

Sonhava comprar uma nova allo, uma tábua de estudo como a que tivera em Kano.

Mais do que isso, sonhava escrever novamente o nome de meu pai.

Inteiro.

Sem medo.

Sem esconderijo.

Sem castigo.

Ali bin Musa al-Kanawi.

Às vezes eu repetia baixinho enquanto caminhava pelas ruas.

— Eu não esquece, pai... eu não esquece.

Meu português ainda saía quebrado, torto como costura malfeita.

Mas o nome permanecia firme.

Os anos de madraça haviam me dado algo que nenhum senhor podia comprar nem vender.

Conhecimento.

E entre os africanos aquilo começava a ser percebido.

Quando algum haussá encontrava dificuldade para ler um bilhete em árabe, procurava-me.

Quando um nagô recebia uma oração escrita e não compreendia as letras, chamava-me.

Eu lia.

Explicava.

Traduzia.

Sem cobrar.

Sem fazer alarde.

Pouco a pouco, os homens passaram a me olhar de forma diferente.

Não como um simples alfaiate.

Não como um simples escravo.

Mas como alguém que carregava dentro de si uma

parte do mundo que eles temiam perder.

E foi então que compreendi uma verdade que mudaria minha vida.

A corrente prendia meus pés.

Mas o conhecimento continuava livre.

E aquilo, mais cedo ou mais tarde, acabaria me conduzindo de volta aos homens que ainda rezavam voltados para Meca nas sombras de Salvador.

Clemente, o Misericordioso

"Certamente Allah está com os perseverantes."
(Alcorão 2:153)

O ano era 1827. Eu tinha vinte e dois anos e já conhecia cada pedra das ruas de Salvador. Meus pés haviam decorado as ladeiras da cidade da mesma forma que minha língua decorara os versículos do Alcorão quando eu era menino em Kano.

Naquela manhã eu carregava um embrulho de roupas para entregar próximo ao Pelourinho. O sol caía forte sobre os telhados, e o cheiro de peixe seco misturava-se ao suor, fumaça e maresia. Caminhava pelo Beco do Corta-Braço, um lugar estreito, cheio

de sobrados velhos e paredes descascadas, quando ouvi um som que fez meu coração parar.

— *Allahu Akbar...*

Fiquei imóvel.

Durante um instante pensei que fosse imaginação.

Nove anos haviam passado desde que eu ouvira aquelas palavras pronunciadas em voz alta por uma comunidade de muçulmanos.

Olhei ao redor.

O chamado vinha de uma janela aberta no andar superior de um sobrado.

Subi a escada devagar.

Cada degrau fazia meu peito bater mais forte.

Quando alcancei o topo, encontrei uma sala simples, iluminada pela luz que atravessava as frestas da madeira.

Havia homens sentados no chão.

Negros como eu.

Alguns nagôs. Outros haussás. Alguns tapas.

No centro estava um homem de olhar firme e barba curta.

Era Licutan.

Um alufá nagô, mestre religioso respeitado entre os

muçulmanos de Salvador.

Ele me observou em silêncio.

— *Quem é você?* — perguntou.

Demorei um instante para responder.

— *Eu... Sani.*

Ele continuou olhando.

Como se enxergasse algo além do nome que os portugueses tinham me dado.

— *De onde veio?*

— *Kano.*

Os olhos dele se iluminaram.

Então apontou para um lugar vazio no círculo.

Sentei-me.

Sobre o chão havia várias tábuas de madeira usadas para estudo.

Allos.

As mesmas que eu conhecera na infância.

As mesmas que pensei nunca mais ver.

Licutan pegou uma delas e colocou diante de mim.

— *Dizem que os filhos de Kano aprendem cedo. Ainda lembra?*

Minhas mãos tremeram.

Por um momento vi meu pai.

Vi Mandawari.

Vi a mesquita.

Vi Malam Shehu corrigindo nossas lições.

Achei que tudo aquilo tivesse morrido.

Peguei o cálamo.

Mergulhei a ponta na tinta.

E escrevi. Bismillah ir-Rahman ir-Rahim.

"Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso."

Sem erro.

Sem hesitação.

Sem esquecer uma única letra.

Quando terminei, o silêncio tomou conta da sala.

Um velho haussá levou as mãos ao rosto.

Outro homem começou a chorar.

Um nagô repetia baixinho:

— *Allahu Akbar... Allahu Akbar...*

Não era pela caligrafia.

Era pelo que ela representava.

Um filho de Kano que atravessara o oceano sem perder a língua do Alcorão.

Um homem arrancado da própria terra que ainda carregava viva a palavra de Allah.

Naquela noite permaneci ali até depois do pôr do

sol.

Estudamos.

Conversamos.

Lembramos nomes de cidades, rios e mesquitas que existiam do outro lado do mar.

Quando chegou a hora da oração, os homens se alinharam.

O alufá ergueu a voz.

Pela primeira vez em nove anos não precisei esconder minha fé atrás de panos, paredes ou sussurros.

Curvei-me junto aos meus irmãos.

Minha testa tocou o chão.

E quando recitei as palavras da oração, minha voz saiu firme.

Alta.

Livre.

Naquele instante compreendi que o escravo chamado Sanim continuava existindo para os senhores de Salvador.

Mas dentro daquela sala eu voltava a ser quem realmente era.

Ali bin Musa al-Kanawi.

Filho de Musa.

Filho de Kano.

Um malê entre os seus.

A Chama Oculta

O Barril de Pólvora

"E agarrai-vos todos à corda de Allah e não vos dividais." (Alcorão 3:103)

Depois daquela noite em que reencontrei minha língua, minha fé e meu nome, passei a viver duas vidas.

De dia, continuava sendo Sanim, o escravo alfaiate que atravessava Salvador carregando encomendas para os clientes de Manoel do Pilar.

De noite, voltava a ser Ali bin Musa al-Kanawi.

Foi assim que conheci a verdadeira comunidade dos malês.

Toda sexta-feira, depois que o sol desaparecia atrás da Baía de Todos os Santos e as ruas começavam a esvaziar, homens e mulheres africanas seguiam discretamente para um sobrado sem número,

escondido entre becos estreitos próximos ao Pelourinho.

Quem passava pela rua não via nada.

Uma janela fechada.

Uma porta comum. Nenhuma placa.

Nenhum sinal.

Mas lá dentro existia outro mundo.

Nas primeiras semanas éramos vinte.

Depois quarenta.

Depois oitenta.

Em pouco tempo já éramos centenas espalhados por diferentes casas da cidade.

Haussás vindos das antigas cidades do norte.

Nagôs que haviam sobrevivido às guerras de Oió.

Tapas arrancados das terras de Nupe.

Povos que na África haviam sido separados por batalhas e fronteiras agora se encontravam unidos pela mesma condição.

Todos haviam atravessado o oceano.

Todos carregavam cicatrizes.

Todos procuravam Allah.

Quando chegava a hora da oração, as diferenças desapareciam.

O árabe nos tornava irmãos.

Os ombros se tocavam.

As testas encontravam o chão.

E nossas vozes subiam juntas.

Depois da oração vinha a comida.

Panelas de arroz haussá passavam de mão em mão.

Alimá circulava entre os presentes.

Os mais velhos contavam histórias das cidades que deixaram para trás.

Falavam de Kano. De Katsina.

De Oió.

De Nupe.

E principalmente de Sokoto.

O novo poder que dominava grande parte das terras do interior africano.

Eu escutava mais do que falava.

Sempre fui assim.

Enquanto os outros discutiam, minhas mãos trabalhavam.

Costurava túnicas rasgadas.

Remendava roupas de irmãos recém-chegados.

Preparava vestes para as celebrações religiosas.

Nunca cobrava.

Era minha forma de servir.

— *Tu trabalha demais, Ali* — dizia um velho nagô.

Eu sorria.

— *Tesoura é coisa que Allah botou na minha mão.*

Eles insistiam em me pagar.

Não com moedas.

Com algo mais valioso.

Livros.

Cadernos.

Páginas copiadas à mão.

Orações.

Trechos do Alcorão.

Foi assim que recebi o maior presente daqueles anos.

Um Alcorão inteiro copiado por escribas africanos em Salvador.

Folha por folha.

Verso por verso.

Passei a noite inteira segurando aquele livro.

Sentindo o cheiro da tinta.

Percorrendo as letras com os dedos.

Era como tocar novamente minha infância.

Escondi-o depois no forro da loja de Manoel.

Nenhum português pisaria naquele tesouro.

Nenhum padre o queimaria.

Nenhum feitor o arrancaria de mim.

Os anos foram passando.

Eu costurava durante o dia.

À noite estudava suras, copiava textos e ensinava os mais jovens a reconhecer as letras sagradas.

Mas enquanto aprendíamos religião, também aprendíamos outra coisa.

Observávamos Salvador.

As patrulhas.

Os soldados.

Os castigos.

Os mercados.

As correntes.

A violência.

E pouco a pouco uma certeza começou a crescer entre nós.

A cidade parecia tranquila.

Mas era apenas aparência.

Por baixo das igrejas, dos sobrados e dos quartéis, havia milhares de africanos carregando a mesma dor.

A mesma revolta.

A mesma esperança.

Então compreendi algo que jamais esqueci.

A Bahia inteira era um barril de pólvora.

E nós, os malês, éramos a centelha esperando o momento de incendiar a noite.

Minha Alforria

"Os crentes são irmãos." (Alcorão 49:10)

O preço da liberdade tem muitas formas. Algumas cabem numa bolsa de moedas. Outras exigem a própria vida.

Em 1829, eu tinha vinte e quatro anos. Fazia onze anos que não via Kano. Onze anos desde que ouvira minha mãe chamar meu nome pela última vez. Onze anos desde que as muralhas vermelhas da minha cidade desapareceram atrás da fumaça da guerra.

Naquele ano, fiz meu primeiro Ramadã completo em solo brasileiro.

Jejuava durante o dia inteiro enquanto trabalhava na loja de Manoel do Pilar. A fome apertava, mas era

diferente da fome do navio negreiro. Aquela era escolhida. Era ibadah, adoração. Era lembrar quem eu era.

A tesoura continuava cortando tecido enquanto meu estômago reclamava.

— *Tá magro, Sani!* — resmungava Manoel. — *Assim não produz!*

Eu apenas abaixava a cabeça.

Se ele soubesse que cada ponto de linha era acompanhado por uma súplica silenciosa, teria me espancado até a morte.

Mas Allah escondia os seus.

Quando o Eid chegou, os irmãos se reuniram no Gravatá.

Ali, pela primeira vez desde a infância, senti algo parecido com lar.

O cheiro do carneiro assado misturava-se ao das especiarias africanas. Ouvi haussá, nagô, árabe e até palavras tapas cruzando o ar da noite. Homens que tinham atravessado o oceano em navios diferentes sentavam-se agora no mesmo círculo.

Não éramos parentes de sangue.

Éramos unidos pela mesma perda.

Quando o primeiro pedaço de carne tocou minha língua, fechei os olhos.

Por um instante, vi Hauwa servindo comida no pátio de nossa casa em Mandawari.

Por um instante, Kano voltou.

E chorei sem fazer barulho.

Os anos passaram.

Continuei trabalhando.

Continuei juntando moedas.

Cada roupa entregue, cada barra de calça ajustada, cada túnica terminada aumentava meu pequeno tesouro.

Em 1832, aos vinte e sete anos, eu possuía quase trezentos mil réis.

Era uma fortuna para um escravizado.

Dinheiro suficiente para comprar minha alforria.

Durante anos aquele havia sido meu sonho.

Dormia pensando nisso.

Acordava pensando nisso.

Imaginava o dia em que ninguém mais me chamaria propriedade de homem algum.

Foi então que Licutan me chamou.

A reunião aconteceu numa noite abafada.

O alufá estava sentado sobre uma esteira, cercado por homens de confiança.

Quando entrei, ele fez sinal para que me aproximasse.

— *Ali, filho de Musa.*

Poucos me chamavam assim.

Por isso aquelas palavras atingiram meu peito como uma lança.

Licutan continuou:

— Kano caiu... mas nós levanta aqui.

Seu olhar era firme.

— *Você costura nossa farda?*

O silêncio tomou conta do cômodo.

Olhei para minhas mãos.

As mesmas mãos que aprenderam o ofício observando meu pai.

As mesmas mãos que sobreviveram ao porão de um navio.

As mesmas mãos que juntaram moeda por moeda durante anos.

Vi então outra imagem.

Meu pai saindo de casa com uma tesoura na mão enquanto a guerra consumia Kano.

Nunca mais voltou.

Passei o polegar pelo metal gasto da minha própria tesoura.

Respirei fundo.

— *Eu corta, Malam.*

Minha voz saiu rouca.

— *Corta até mortalha de branco.*

Ninguém respondeu.

Mas todos entenderam.

Na semana seguinte, peguei as economias de quase uma década.

Não comprei minha liberdade.

Comprei duzentos metros de pano egípcio branco.

Enquanto desenrolava os fardos de tecido, percebi que estava abandonando um sonho para abraçar outro.

A alforria era para um homem.

A revolta era para um povo.

Naquela noite, olhando os rolos de pano iluminados pela chama de uma lamparina, compreendi que os irmãos de Bilal já haviam escolhido seu caminho.

E eu também.

Pelas Ruas de Salvador

"A verdade chegou e a falsidade pereceu."
(Alcorão 17:81)

O homem pode esconder muitas coisas. Pode esconder dinheiro debaixo do assoalho. Pode esconder faca dentro da roupa. Pode esconder lágrimas atrás do silêncio.

Mas nada é mais perigoso do que esconder uma ideia.

Foi isso que comecei a fazer quando completei vinte e oito anos.

De dia, eu continuava sendo o escravo de Manoel do Pilar. O alfaiate obediente. O homem que cortava tecido, baixava a cabeça e respondia apenas o necessário.

De noite, eu me transformava em outra coisa.

A chama da lamparina iluminava a madeira da mesa enquanto eu mergulhava a pena na tinta.

Não escrevia contratos.

Não escrevia contas.

Escrevia futuro.

Em árabe.

Poucas palavras.

Poucas linhas.

Mas cada uma delas pesava mais que uma espada.

25 de janeiro.

Fajr.

Quartel.

Cadeia.

Bahia.

África.

Quem não conhecia a língua do Alcorão enxergava apenas sinais estranhos espalhados pelo papel.

Quem sabia ler compreendia imediatamente.

Era o esqueleto da revolta.

O mapa da liberdade.

Dobrávamos os bilhetes até ficarem do tamanho de um dedo.

Depois entregávamos aos mensageiros.

Muitas vezes eram meninos.

Garotos de dez, onze, doze anos.

Ninguém suspeitava deles.

Um carregava frutas.

Outro carregava ferramentas.

Outro levava uma capanga de couro atravessada no ombro.

Dentro dela viajavam palavras capazes de incendiar uma cidade inteira.

Certa tarde, quase perdi tudo.

Eu estava inclinado sobre um pedaço de papel quando ouvi passos atrás de mim.

Manoel.

Meu corpo gelou.

O português pegou a folha antes que eu pudesse escondê-la.

Franziu a testa.

Virou o papel de um lado para o outro.

Coçou a barba.

— *Que rabisco é esse?*

Por dentro, meu coração martelava como tambor de guerra.

Mas meu rosto permaneceu imóvel.

Aprendi cedo que o medo mata mais depressa quando aparece nos olhos.

— *Conta de cliente, senhor.*

Ele estreitou o olhar.

— *Cliente escreve desse jeito?*

Baixei a cabeça.

— *Cliente de nação africana, senhor.*

O velho resmungou alguma coisa e devolveu o papel.

Quando saiu da sala, percebi que minhas mãos continuavam firmes.

Nem um tremor.

Nem um borrão de tinta.

Naquele instante compreendi uma verdade assustadora.

Eu já não mentia para sobreviver.

Mentia para vencer.

Os encontros cresciam.

As mensagens circulavam.

Os nomes se multiplicavam.

Haussás.

Nagôs.

Tapas.

Libertos.

Escravizados.

Homens que jamais teriam dividido a mesma mesa na África agora compartilhavam o mesmo destino na Bahia.

Eu transitava entre todos eles.

Falava haussá com uns.

Nagô com outros.

Árabe com os alufás.

Português com os senhores.

Era uma ponte construída sobre muitas dores.

Traduzia palavras.

Traduzia planos.

Traduzia sonhos.

Às vezes saía de uma reunião religiosa e seguia direto para um encontro onde se afiavam facas.

Noutras noites copiava versículos do Alcorão e, logo depois, desenhava rotas pelas ruas de Salvador.

Eu vivia entre dois mundos.

Entre a fé e a guerra.

Entre a oração e a vingança.

Quando percebi, já não contava os dias para comprar minha liberdade.

Nem pensava mais na carta de alforria.

Nem nos documentos que poderiam me tornar um homem livre perante a lei dos brancos.

Havia algo maior ocupando meu coração.

Algo que exigia tudo.

Meu dinheiro.
Meu tempo.
Meu sono.
Minha vida.
Eu ainda pertencia a Manoel no papel.
Mas a verdade era outra.
Eu já tinha outro senhor.
Um senhor sem rosto.
Sem corrente.
Sem chicote.
Um senhor chamado revolta.
E esse senhor não castigava.
Ele ordenava.
E eu obedecia.

O Abadá Branco

Os Abadás da Revolta

"Preparai contra eles tudo quanto puderdes de força."
(Alcorão 8:60)

O ano de 1834 chegou pesado sobre Salvador.

A cidade parecia respirar medo.

Sessenta e cinco mil almas apertadas entre igrejas, sobrados, ladeiras e trapiches. Quase metade delas vivia acorrentada de alguma forma. Em toda direção se ouviam línguas africanas misturadas ao português dos senhores. Homens arrancados de suas terras e lançados na mesma prisão chamada Bahia.

Quem olhasse de fora via apenas uma cidade.

Eu via um barril de pólvora.

Bastava uma faísca.

Todo beco escondia reuniões.

Toda reunião escondia promessas.

Toda promessa escondia uma lâmina.

E toda lâmina aguardava uma hora marcada.

A minha tinha nome.

Chamava-se Téc.

O mesmo som da tesoura de meu pai cortando tecido em Kano.

O mesmo som que acompanhou minha infância.

O mesmo som que agora preparava guerra.

Durante o dia, continuava trabalhando na loja de Manoel do Pilar.

Nada havia mudado aos olhos dele.

Eu media tecido.

Costurava casacas.

Ajustava mangas.

Recebia fregueses.

Sorria quando precisava sorrir.

Mas quando a noite caía, começava meu verdadeiro ofício.

Esperava Manoel apagar a lamparina do quarto.

Esperava os roncos atravessarem a parede.

Então acendia minha própria chama.

Pequena.

Discreta.

Suficiente.

Sobre a mesa acumulavam-se pilhas de pano branco.

Não eram roupas comuns.

Eram abadás.

Túnicas largas que identificariam os combatentes.

Vestes que misturavam fé e combate.

Quem as colocasse sabia que talvez não voltasse para casa.

Costurei cinquenta.

Depois cem.

Depois duzentas.

Cada ponto da agulha acompanhava uma oração.

— *La ilaha illa Allah...*

Linha.

— *La ilaha illa Allah...*

Outro ponto.

— *La ilaha illa Allah...*

Mais um.

O tecido crescia sob minhas mãos enquanto a revolta tomava forma.

Muitas vezes o silêncio era tão profundo que eu conseguia ouvir apenas o raspar da agulha atravessando o pano.

Parecia o som de uma tempestade distante.

As mensagens continuavam circulando.

Os alufás orientavam.

Os chefes de grupo recrutavam.

Os homens treinavam em segredo.

Alguns escondiam facas em fundos falsos de caixas.

Outros guardavam lanças improvisadas.

Havia também aqueles que apenas esperavam.

Esperar era a parte mais difícil.

Porque o coração já estava em guerra antes do corpo.

Numa dessas noites, um jovem nagô me perguntou:

— *Ali... tu acredita mesmo que nós pode vencer?*

Continuei costurando.

Demorei um instante para responder.

— *Vencer eu não sabe. Levantei os olhos.*

— *Mas homem já morto não tem medo de morrer.*

Ele ficou calado.

E compreendeu.

No meu pulso permanecia o velho fio azul. Desgastado.

Escurecido pelo tempo.

Manchado por suor, trabalho e sangue.

Às vezes parecia tão frágil que eu imaginava que se romperia sozinho.

Mas não rompia. Sobreviveu à queda de Kano.

Sobreviveu à caminhada dos cativos.

Sobreviveu ao navio.

Sobreviveu aos anos de cativeiro.

Eu o observava enquanto costurava.

E tinha a impressão de que aquele pequeno pedaço

de tecido carregava mais memória do que qualquer homem.

Ele tinha visto meu pai.

Tinha visto minha mãe.

Tinha visto minha cidade desaparecer em chamas.

Agora estava ali comigo.

Testemunha silenciosa de outra tempestade que se aproximava.

Passei os dedos sobre ele.

Olhei para os montes de abadás já prontos.

Para as facas escondidas.

Para os nomes escritos em árabe.

Para os homens espalhados pelos bairros da cidade.

E pela primeira vez tive certeza.

O que estava para acontecer já não podia ser impedido.

O barril estava cheio.

A pólvora estava seca.

E alguém, em breve, acenderia o fogo.

A Lista

A costura dos abadás e a Expectativa da libertação

"Combatei pela causa de Allah aqueles que vos combatem." (Alcorão 2:190)

Eu passei a decorar nomes como outros homens decoram versículos.

Cada nome era uma responsabilidade. Cada responsabilidade era uma vida.

À noite, quando a cidade diminuía o barulho e os lampiões lançavam sombras compridas pelas ruas de Salvador, eu abria os pedaços de pano branco sobre a mesa da oficina e repetia mentalmente:

Ahuna na Vitória.

Dassalu na Ajuda.

Sule no Quartel.

Pacífico na Cadeia.

Licutan na frente.

Eu na retaguarda.

Era assim que organizávamos o mundo que ainda

não existia. Enquanto minha tesoura deslizava pelo tecido, imaginava cada homem recebendo sua túnica. Não eram roupas comuns. Eram sinais de pertencimento. Quando um malê vestia aquele pano branco, declarava para si mesmo que já não aceitava viver de joelhos.

As mulheres também tinham seus lugares na engrenagem invisível.

Fátima carregava pólvora escondida entre frutas, farinha e pequenos embrulhos em seu tabuleiro. Quem a observasse andando pelas ruas veria apenas mais uma quitandeira.

Mas nós sabíamos.

Ela transportava fogo.

Musa Bornu levava mensagens. Era rápido, discreto e tinha aparência de menino obediente. Passava diante dos soldados sem despertar suspeita. Dentro da capanga seguia aquilo que valia mais do que ouro: informação.

Nenhuma revolta nasce da coragem.

Ela nasce da organização.

Eu aprendi isso observando Kano desaparecer quando era criança.

Por isso passei semanas memorizando trajetos, horários e pontos de encontro.

Nenhum detalhe podia escapar.

Em certas noites eu escrevia listas inteiras.

Nomes. Locais. Funções.

Então riscava cada linha depois de decorá-la.

Uma vez escrevi o nome de Manoel do Pilar.

Fiquei olhando para aquelas letras por muito tempo.

Meu senhor.

O homem que me comprara na Rua do Julião.

O homem que lucrara com meus braços durante quinze anos.

Passei a unha sobre o papel e risquei o nome.

Depois parei.

Pensei melhor.

Peguei a pena novamente.

E desfiz o risco.

Não.

Ainda não.

Primeiro o quartel.

Primeiro as armas.

Primeiro os irmãos presos.

A casa vinha depois.

A vingança precisava obedecer à disciplina.

Licutan costumava dizer:

— Homem que corre antes da hora entrega a vitória ao inimigo.

Eu concordava.

Por dentro, porém, carregava outra certeza.

Eu não atravessaria metade do mundo para morrer deixando tudo inacabado.

Quando terminava um abadá, dobrava-o com cuidado.

Passava a mão sobre o tecido.

E imaginava o momento em que centenas de nós surgiriam pelas ruas da cidade.

Não como mercadoria.

Não como propriedade.

Não como escravos.

Mas como homens.

Homens que tinham nome.

Homens que tinham memória.

Homens que tinham uma terra perdida no coração.

Naqueles dias eu já não sonhava com descanso.

Sonhava apenas com a madrugada que se

aproximava.

A madrugada em que a Bahia ouviria, finalmente, a nossa resposta.

A Última Linha

"Não desfaleçais nem vos entristeçais."
(Alcorão 3:139)

A madrugada de 24 de janeiro chegou silenciosa. Silenciosa demais.

Durante anos imaginei aquele momento. Sonhei com ele nas ruas da Bahia, nas noites de Ramadã, enquanto costurava para homens que me possuíam como se eu fosse ferramenta. E, quando finalmente chegou, não houve trovão nem sinal nos céus.

Houve apenas uma lamparina acesa.

E eu.

Era pouco depois das quatro da manhã.

A hora do Fajr já tinha passado.

Pela primeira vez desde que me entendia como muçulmano, deixei a oração escapar.

Nem mesmo no navio negreiro eu havia perdido o

chamado da alvorada. Nem quando a fome fazia os ossos doe-rem. Nem quando a febre queimava meu corpo.

Mas naquela manhã minhas mãos estavam ocupadas.

Eu costurava meu próprio abadá.

A última peça. A única que realmente importava.

O tecido branco estava estendido sobre a mesa da oficina de Manoel.

A agulha passava lentamente pela barra da túnica enquanto a chama da lamparina tremia com o vento que entrava pelas frestas.

Cada ponto parecia carregar o peso de vinte e nove anos.

Quando terminei, virei a roupa pelo avesso.

Peguei a linha escura e bordei, devagar, as palavras que ninguém ali conhecia:

علي بن موسى الكانوي.

(Ali bin Musa al-Kanawi)

Meu nome inteiro.

O nome que minha mãe ouvira quando me colocou nos braços.

O nome que o imam registrara na tábua de madeira em Mandawari.

O nome que os traficantes tentaram apagar.

O nome que Manoel nunca pronunciou.

Passei os dedos sobre as letras.

— Se Azrail me chamá, ele vai sabê quem eu sou.

Sorri sozinho.

Não era orgulho.

Era necessidade.

Eu não queria morrer como Sanim.

Queria morrer como filho de Musa.

Levantei-me e fui até a janela.

A cidade permanecia mergulhada na escuridão.

Nenhum soldado suspeitava.

Nenhum comerciante imaginava.

Nenhum senhor dormia sabendo o que o aguardava.

Abri as venezianas.

Um vento suave tocou meu rosto.

Não era o harmatã da minha infância.

Não trazia a poeira vermelha de Kano.

Mas vinha do leste.

Do outro lado do oceano.

Da direção onde ficavam os mortos que eu amava.

Fechei os olhos.

Por um instante ouvi novamente a tesoura do meu pai trabalhando antes do amanhecer.

Téc.

Téc.

Téc.

O mesmo som ecoou quando cortei a última linha da túnica com os dentes.

Téc.

Quase trinta anos desapareceram naquele estalo.

Vi Musa sentado no zaure.

Vi Hauwa no pátio.

Vi o baobá pequeno crescendo ao lado da casa.

Vi uma cidade inteira que existia apenas dentro da minha memória.

Olhei para o velho fio azul ainda amarrado ao pulso.

Desgastado.

Desbotado.

Mas vivo.

Toquei nele com cuidado.

— *Amanhã nós volta pra casa.*

O silêncio respondeu.

Então completei:

— *Ou vira casa.*

Vesti o abadá.

O pano caiu sobre meus ombros como uma segunda pele.

Branco.

Limpo.

Sereno.

Mas eu sabia o que ele significava.

Sabia o que aconteceria quando o sol nascesse.

Sabia quantos de nós não veriam outro amanhecer.

Ainda assim não senti medo.

Somente uma estranha tranquilidade.

A roupa nova carregava o cheiro do algodão recém cortado.

Porém, para mim, já possuía outro perfume.

O perfume do destino.

O perfume do sacrifício.

O perfume do sangue que ainda não havia sido derramado.

A Noite dos Malês

Ladeira da Conceição

"Quantos grupos pequenos venceram grupos numerosos pela permissão de Allah." (Alcorão 2:249)

A madrugada de 25 de janeiro. O início da revolta e os primeiros confrontos.

Eu não dormi.

Ninguém que carregava um abadá naquela noite conseguiu dormir.

A cidade parecia prender a respiração.

As horas escorriam devagar enquanto os homens chegavam aos pontos combinados. Alguns vinham sozinhos. Outros em pe-quenos grupos. Todos vestiam o branco dos malês. Alguns trazi-am facas escondidas sob o tecido. Outros carregavam espadas curtas, lanças improvisadas ou pedaços de ferro afiados.

Poucos tinham armas de fogo.

Pouquíssimos.

Mesmo assim, ninguém recuava.

Pouco antes do amanhecer, um rumor correu entre

nós.

A notícia que temíamos.

A polícia já sabia.

As reuniões tinham sido denunciadas.

Casas haviam sido invadidas.

Companheiros estavam presos.

O plano construído durante anos começava a ruir antes mesmo de nascer.

Por um instante, vi o desalento atravessar alguns rostos.

Mas já era tarde demais para voltar.

Se fugíssemos, morreríamos como escravos.

Se avançássemos, talvez morrêssemos como homens livres.

Escolhemos avançar.

Quando o tambor ecoou na Ladeira da Conceição, senti meu coração bater no mesmo compasso.

Um.

Dois.

Três.

O som espalhou-se pela escuridão.

Então os grupos começaram a se unir.

Dezenas.

Centenas.

Ao final, éramos muitos.

Homens vindos de Kano, Oió, Nupe, Ilorin e tantos outros lugares arrancados da África.

Todos vestidos de branco.

Todos carregando a mesma memória.

Todos caminhando na mesma direção.

— *Allahu Akbar!* — alguém gritou.

Outras vozes responderam.

— *Allahu Akbar!*

O brado percorreu a rua como fogo em capim seco.

Eu segurava minha faca na mão direita.

A lâmina refletia a luz fraca das lanternas.

À frente, surgiram guardas armados.

Ouvi um deles gritar:

— *Quem vem lá?*

Por um breve instante houve silêncio.

Então uma voz respondeu do meio da multidão:

— *Morte aos que roubaram nossa liberdade!*

O primeiro disparo rasgou a madrugada.

O estampido pareceu partir o mundo ao meio.

Vi uma centelha.

Depois um corpo cair.

Era Dassalu.

Tombou tão perto de mim que ouvi o ar escapar de seus pulmões.

Seu abadá absorveu o sangue quase imediatamente.

O branco desapareceu.

A cor escura espalhou-se pelo tecido como tinta derramada.

Não houve tempo para lamentar.

Outros tiros vieram.

Mais homens tombaram.

Mais gritos surgiram.

A rua transformou-se num campo de batalha.

Passei por Dassalu.

Meu pé afundou na poça que se formava ao redor dele.

Continuei avançando.

A confusão era total.

Espadas contra mosquetes.

Facas contra baionetas.

Coragem contra pólvora.

Ali compreendi que a noite seria muito mais difícil do que imaginávamos.

As autoridades estavam esperando.

Tinham preparado barreiras.

Tinham reunido soldados.

Tinham transformado Salvador numa armadilha.

Mas naquele instante ninguém pensava em derrota.

Pensávamos apenas nos irmãos presos.

Na cadeia.

Nas armas.

Na promessa feita aos mortos.

Enquanto corria pelas ruas estreitas da cidade, senti o fio azul bater contra meu pulso.

E pela primeira vez desde que saí de Kano, não me senti sozinho.

Atrás de mim vinham centenas.

À frente de nós estava o impossível.

E nós corremos mesmo assim.

Água de Meninos

"Não digais daqueles que morreram no caminho de Allah que estão mortos." (Alcorão 2:154)

A cidade já estava acordada quando chegamos às proxi-midades de Água de Meninos.

Não pelo nascer do sol. Pelo medo.

Pela fumaça.

Pelos tiros.

Pelo sangue que corria nas ruas desde a madrugada.

Havíamos combatido durante horas.

Ladeira após ladeira.

Beco após beco.

Praça após praça.

A cada esquina encontrávamos novos soldados.

A cada avanço deixávamos companheiros para trás.

Mesmo assim continuávamos.

Já não lutávamos pela vitória.

Lutávamos para não cair de joelhos.

Meu abadá estava rasgado.

O suor escorria pelos olhos.

A mão que segurava a faca tremia de cansaço.

Ao meu redor, os rostos que restavam pareciam envelhecidos.

Homens que haviam saído cheios de esperança agora carregavam a sombra da derrota.

Então vimos o mar.

As águas escuras brilhavam sob a luz da manhã.

Durante um instante pensei que Allah tivesse aberto um caminho para nós.

Mas não havia caminho.

Havia apenas o cerco.

Soldados surgiam por todos os lados.

Pelas ruas.

Pelos armazéns.

Pelos acessos à praia.

Estávamos encurralados.

Ouvi alguém gritar:

— *Corram para a água!*

Muitos correram.

Centenas de passos ecoaram sobre a areia.

Vi homens lançarem-se ao mar sem hesitar.

Alguns sabiam nadar.

Outros não.

Pouco importava.

A escolha era entre a água e as baionetas.

Entre o afogamento e o cativeiro.

Os disparos continuavam.

Corpos tombavam antes de alcançar as ondas.

Outros desapareciam entre as correntezas.

Os gritos misturavam-se ao som do mar.

Nunca esquecerei aquele som.

Parecia o lamento de duas terras separadas para sempre.

A África de onde viemos.

E a Bahia onde fomos aprisionados.

Ao meu lado, Aprígio caiu.

Não ouvi o tiro.

Apenas o vi perder as forças.

Seu corpo desabou lentamente.

Como uma árvore antiga vencida pelo machado.

Ajoelhei-me por um instante.

Quis ajudá-lo.

Quis carregá-lo.

Quis dizer alguma coisa.

Mas seus olhos já procuravam outro horizonte.

Lembrei então de um verso antigo:

— O fio azul arrebentou e caiu na lama.

Meu peito se apertou.

Kano pereceu.

Muitos outros também.

Quando a luta terminou, os sobreviventes estavam

dispersos, feridos ou presos.

Mais de setenta africanos haviam morrido.

Do outro lado, também havia mortos.

Mas os números pouco significavam diante do silêncio que ficou.

O levante terminara.

Os sonhos estavam derrotados.

As correntes permaneciam.

Observei o mar pela última vez.

As ondas continuavam avançando e recuando como se nada tivesse acontecido.

Foi então que compreendi.

Os homens passam.

Os reinos passam.

As dores passam.

Somente Allah permanece.

E somente Ele conhece o destino daqueles que tombaram naquele dia.

Depois da Noite

"Toda alma provará a morte." (Alcorão 3:185)

A revolta terminou. Mas meu caminho não.

Quando o sol nasceu sobre Salvador, eu ainda estava vivo.

Ferido.

Exausto.

Coberto pela fumaça da pólvora e pelo sangue daquela madrugada.

Dos muitos irmãos que haviam marchado pelas ladeiras da cidade, dezenas já não respiravam.

Outros haviam desaparecido nas águas.

Os sobreviventes eram perseguidos.

Caçados como animais.

A cada dia surgiam novas prisões.

Novos interrogatórios.

Novas sentenças.

Não houve misericórdia.

O governo queria transformar nossa derrota num exemplo.

Eu fui capturado.

Lembro-me das mãos que me agarraram.

Dos golpes.

Das correntes.

Do escuro da cela.

Lembro-me também dos gritos.

Homens arrancados para os julgamentos.

Homens devolvidos depois, quebrados pela dor.

Alguns jamais retornavam.

Soube que dezesseis receberam sentença de morte.

Alguns tiveram a pena alterada.

Outros foram levados diante dos pelotões de fuzilamento.

No Campo da Pólvora, as armas falaram por eles.

O Império queria que todos assistissem.

Queria que o medo sobrevivesse mais tempo do que os mortos.

Mas a pior punição não era a morte.

Era a chibata.

Centenas de irmãos receberam centenas de açoites.

Trezentos.

Quinhentos.

Oitocentos.

Mil e duzentos.

Não davam tudo de uma vez.

Queriam prolongar o sofrimento.

Queriam transformar cada corpo numa advertência.

Lembro-me de homens que mal conseguiam ficar de pé.

Lembro-me do cheiro das feridas abertas.

Lembro-me das febres que levavam aqueles que haviam sobrevivido à batalha. Pacífico Licutan suportou mil e duzentas chibatadas.

Mesmo assim não conseguiram apagar seu nome. Outros tiveram destino diferente.

Foram arrancados da Bahia e enviados para Angola, Benguela ou Moçambique.

Expulsos para sempre.

Alguns receberam galés perpétuas.

Correntes.

Trabalho forçado.

Anos de sofrimento sem esperança de retorno.

Outros foram vendidos para terras distantes.

Rio de Janeiro.

Maranhão.

São Paulo.

O objetivo era simples.

Separar os irmãos.

Destruir os laços que nos uniam.

Eu fui um dos vendidos.

Sobrevivi ao pelourinho.

Sobrevivi à prisão.

Sobrevivi à derrota.

Não porque fosse mais valente que os outros.

Allah apenas escreveu outro destino para mim.

Carrego até hoje as marcas nas costas.

Mas as cicatrizes mais profundas estão na memória.

Carrego Dassalu.

Carrego Kano.

Carrego os nomes daqueles que tombaram acreditando que seus filhos viveriam livres.

Depois daquele ano, usar um turbante passou a despertar suspeitas.

Um papel escrito em árabe podia ser tratado como crime.

Muitos esconderam sua fé.

Muitos partiram.

Muitos silenciaram.

Mas nem tudo foi vencido.

Levaram nossos corpos.

Levaram nossas casas.

Levaram nossos companheiros.

Não levaram nossas palavras.

O deportado ensinou a oração em outra costa.

O açoitado ensinou o filho em segredo.

O vendido levou consigo a memória dos malês.

Eu também levei.

E compreendi, muitos anos depois, que aquela madrugada não terminou em Água de Meninos.

Ela continuou vivendo dentro de cada sobrevivente.

Porque uma derrota pode destruir um exército.

Mas não consegue destruir uma lembrança.

E enquanto alguém recordar nossos nomes, a noite dos malês jamais terminará.

Conclusão

A Liberdade que Sobreviveu

A história de Ali Sanim bin Musa al-Kanawi termina, mas aquilo que ele viveu não desaparece com sua morte. Sua trajetória representa a experiência de milhares de africanos que foram arrancados de suas comunidades, separados de suas famílias e transportados à força para terras

desconhecidas. Contudo, também revela algo que os seus opressores jamais conseguiram destruir: a capacidade de preservar a própria identidade mesmo diante da violência.

Ali perdeu sua terra, seus parentes e muitos dos companheiros que caminharam ao seu lado. Conheceu a fome, as correntes, o medo, a humilhação e a brutalidade de uma sociedade construída sobre a escravização. Na Bahia, porém, encontrou outros homens que compartilhavam sua origem, sua fé e o desejo de recuperar aquilo que lhes havia sido negado. A Revolta dos Malês tornou-se, assim, um dos mais importantes símbolos da resistência dos africanos escravizados no Brasil.

O pequeno fio azul que acompanhou Ali até o fim representa muito mais do que uma lembrança. É o vínculo entre passado e presente, entre a África que ficou para trás e a vida construída em uma terra estrangeira. É a prova de que uma pessoa pode perder quase tudo sem permitir que lhe roubem completamente quem é.

Sanim, O Islã Negro é, portanto, uma narrativa sobre dor, pertencimento, resistência e dignidade.

É também uma homenagem à memória daqueles que sofreram com a escravidão e àqueles que, mesmo diante das circunstâncias mais cruéis, encontraram forças para continuar.

Porque algumas correntes podem prender o corpo. Mas existem memórias, crenças e sonhos que nenhuma corrente consegue aprisionar.

Agradecimentos

Ao chegar ao final de Sanim, O Islã Negro, sinto que esta história não foi construída apenas com palavras, pesquisas e imaginação. Ela também nasceu das conversas, dos questionamentos e dos incentivos daqueles que acreditam que a escrita pode transformar lembranças em conhecimento e histórias em instrumentos de reflexão.

Quero dedicar um agradecimento especial aos meus colegas professores, que, ao longo dessa caminhada, têm me incentivado cada vez mais a escrever. Cada palavra de apoio, cada sugestão, cada conversa sobre História,

Muitas vezes, uma simples frase de incentivo é suficiente para que uma nova história comece a nascer. E foram justamente esses estímulos que me fizeram compreender que escrever não é apenas criar personagens e acontecimentos. É também buscar dar voz àqueles que foram silenciados, recuperar memórias esquecidas e despertar nos leitores o desejo de conhecer, questionar e compreender o passado.

Aos colegas que acreditam no meu trabalho e me encorajam a transformar acontecimentos históricos em narrativas acessíveis e humanas, minha sincera gratidão.

Que eu possa continuar escrevendo novas histórias, aprendendo com cada uma delas e compartilhando esse caminho com aqueles que, como eu, acreditam no poder transformador da Educação, da História e da Literatura.

A todos vocês, muito obrigado por continuarem me incentivando a escrever.

Mendes de Miranda

Mendes de Miranda

*M*endes de Miranda, nascido em 14 de novembro de 1959, mineiro da Terra da Mãe de Deus, é o nome escolhido pelo professor Vilmar de Freitas para dar vida às suas memórias e à sua escrita. Mais do que um pseudônimo, Mendes de Miranda é uma homenagem carregada de afeto às suas avós, Dercília, sua avó paterna, e Maria Felisbina, sua avó materna — presenças que marcaram profundamente sua infância.

Foi ao lado delas que ele aprendeu o poder das histórias. Ainda menino, sentava-se na varanda da casa, aquela que se abria para o fundo do quintal, onde o tempo parecia caminhar mais devagar. Enquanto ouvia os causos contados com calma e sabedoria, seus olhos acompanhavam as galinhas ciscando no terreiro, como se cada movimento também fizesse parte da narrativa. O cheiro dos biscoitos fritos, feitos no fogão a lenha, misturava-se ao aroma suave do chá de erva-cidreira, criando uma atmosfera de aconchego que parecia abraçar o

mundo.

Na simplicidade desses momentos, surgiam viagens pela imaginação, onde cada palavra abria caminhos para novos horizontes. Não era preciso ir longe — bastava ouvir.

Ao adotar esse nome, Vilmar de Freitas eterniza não apenas suas origens, mas também o amor, a memória e a poesia daqueles dias. Em cada linha escrita como Mendes de Miranda, ainda ecoam as vozes doces de Dercília e Maria Felisbina, como se o tempo, ali, tivesse escolhido permanecer.

Nota ao Leitor: Esta obra é fruto da criação humana. O contexto histórico, o enredo, os personagens e todas as decisões narrativas foram concebidos por seu autor, responsável por dar sentido e direção à história. A inteligência artificial foi utilizada apenas como ferramenta de apoio, auxiliando em pesquisas, organização de ideias e aspectos técnicos da escrita, sem interferir na autoria. Assim, o livro mantém sua essência como uma produção humana, em que a tecnologia atua como instrumento, e não como origem.